

Desenvolvimento da habilidade escrita.

“palavra, palavra,
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.”
O Lutador (Drummond)

PORQUINHO DA ÍNDIA

Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-Índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos,
Ele não gostava:
Queria estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas ...

-O meu porquinho-da-Índia foi minha primeira namorada.

EXERCÍCIO

Objetivos:

- Leitura oral e individual do poema
- Enfatizar a pronúncia correta de palavras como “fogão”, “debaixo” e “bichinho”.
- Situar Manuel Bandeira dentro da literatura brasileira.
- Gramática: o autor usa no poema uma linguagem simples e informal, já que busca traduzir uma espécie de sentimento. Que espécie de sentimento ele tenta passar para o leitor?
- Que índices lexicais provam que o poeta faz uso de uma linguagem informal e bastante simples?
- Proposta de tema: Em forma de poesia, o autor nos conta um fato memorável da sua infância. Agora você vai se lembrar de algum fato marcante da sua infância e vai narrá-lo e escrevê-lo .

MENINOS CARVOEIROS

Manuel Bandeira

Os meninos carvoeiros

Passam a caminho da cidade.

-Eh! Carvoero!

E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhor.

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.

A aniagem é toda remendada.

Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe,

Dobrando-se de um gemido)

-Eh! Carvoero!

Só mesmo estas crianças raquíticas

Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênua parece feita para eles...

Pequenina, ingênua miséria!

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

-Eh, Carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,

Encarapitados nas alimárias,

Apostando corrida,

Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados!

MENINOS CARVOEIROS
Manuel Bandeira

Compreensão de leitura

Interpretação:

1. Qual é o tema do poema Meninos Carvoeiros de Manuel Bandeira?
2. O poema denuncia uma realidade social evidentemente brasileira. É possível encontrar alguma semelhança com a realidade mexicana?
3. Manuel Bandeira faz uma descrição tanto dos carvoeiros como dos burrinhos. Como ele os descreve? Quais são os adjetivos empregados nestas descrições?

Gramática:

1. Em que pessoa do discurso estão conjugados os verbos trabalhar e brincar?
2. Há o uso de uma linguagem oral informal quando os carvoeiros falam. Como pode comprovar a afirmação? Por que o autor preferiu o uso deste tipo de linguagem?
3. Grife todos os verbos que encontrar no poema e reconheça a forma de infinitivo de cada um deles.

MENINOS CARVOEIROS

Manuel Bandeira

Respostas:

Interpretação:

1. A miséria.
2. Resposta pessoal.
3. Ele descreve os meninos carvoeiros como crianças raquíticas. Os adjetivos empregados são: carvoeiros, magrinhos, velhos, raquíticas, descadeirados, ingênua, adoráveis, desamparados.

Gramática:

2ª. Pessoa do plural.

O autor usa a 2ª. Pessoa do plural para poder usar uma linguagem informal e dar mais realismo ao texto.

Passam (passar)

Vão (ir)

São (ser)

Leva (levar)

É (ser)

Caem (cair)

Vem (vir)

Recolhe (recolher)

Dobrando-se (dobrar-se)

Parece (parecer)

Trabalhais (trabalhar)

Brincásseis (brincar)

Vêm (vir)

PORQUINHO-DA-ÍNDIA
Manuel Bandeira

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração me dava
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!

Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos,
Ele não gostava:
Queria estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...

-o meu porquinho-da-índia foi minha primeira namorada.

Exercício

Gramática:

- a) O autor usa no poema uma linguagem simples e informal, já que busca traduzir uma espécie de sentimento. Que espécie de sentimento ele tenta passar para o leitor?
- b) Que índices lexicais provam que o poeta faz uso de uma linguagem informal e bastante simples?
- c) Em forma de poesia, o autor nos conta um fato memorável da sua infância. Agora você vai se lembrar de algum fato marcante da sua infância escrevendo-o.

Porquinho-da-Índia

Respostas:

- a) O amor
- b) O uso de diminutivos e o uso da contração “pra”
- c) Resposta pessoal.

UMA GALINHA
Clarice Lispector

Era uma galinha de domingo. Ainda vivia porque não passava de nove horas da manhã.

Parecia calma. Desde sábado encolhera-se num canto da cozinha. Não olhava para ninguém, ninguém olhava para ela. Mesmo quando a escolheram, apalpando sua intimidade com indiferença, não souberam dizer se era gorda ou magra. Nunca se adivinharia nela um anseio.

Foi, pois uma surpresa que quando a viram abrir as asas de curto vôo, inchar o peito e, em dois ou três lances, alcançar a murada do terraço. Um instante ainda vacilou – o tempo da cozinheira dar um grito – e em breve estava no terraço do vizinho, de onde, em outro vôo desajeitado, alcançou um telhado. Lá ficou em adorno deslocado, hesitando ora num, ora noutro pé. A família foi chamada com urgência e consternada viu o almoço junto de uma chaminé. O dono da casa, lembrando-se da dupla necessidade de fazer esporadicamente algum esporte e de almoçar, vestiu radiante um calção de banho e resolveu seguir o itinerário da galinha: em pulos cautelosos alcançou o telhado onde esta, hesitante e trêmula, escolhia com urgência outro rumo. A perseguição tornou-se mais intensa. De telhado a telhado foi percorrido mais de um quarteirão da rua. Pouco afeita a uma luta mais selvagem pela vida, a galinha tinha que decidir por si mesma os caminhos a tomar, sem nenhum auxílio de sua raça. O rapaz, porém, era um caçador adormecido. E por mais ínfima que fosse a presa o grito de conquista havia soado.

Sozinha no mundo, sem pai nem mãe, ela corria, arfava, muda, concentrada. Às vezes, na fuga, pairava ofegante num beiral de telhado e enquanto o rapaz galgava outros com dificuldade tinha tempo de se refazer por um momento. E então parecia tão livre.

Estúpida, tímida e livre. Não vitoriosa como seria um galo em fuga. Que é que havia nas suas vísceras que fazia dela um ser? A galinha é um ser. É verdade que na se poderia contar com ela para nada. Nem ela própria contava consigo, como o galo crê na sua crista. Sua única vantagem é que havia tantas galinhas que morrendo uma surgiria no mesmo instante outra tão igual como se fora a mesma.

Afinal, numa das vezes em que parou para gozar sua fuga, o rapaz alcançou-a. Entre gritos e penas, ela foi presa. Em seguida carregada em triunfo por uma asa através das telhas e pousada no chão da cozinha com certa violência. Ainda tonta, sacudiu-se um pouco, em cacarejos roucos e indecisos.

Foi então que aconteceu. De pura afobação a galinha pôs um ovo. Surpreendida, exausta. Talvez fosse prematuro. Mas logo depois, nascida que fora para a maternidade, parecia uma velha mãe habituada. Sentou-se sobre o ovo e assim ficou respirando, abotoando e desabotoando os olhos. Seu coração, tão pequeno num prato, solejava e abaixava as penas, enchendo de tepidez àquilo que nunca sararia de um ovo. Só a menina estava perto e assistiu tudo estarecida. Mal, porém conseguiu desvencilhar-se do acontecimento, despregou-se do chão e saiu aos gritos: -Mãe, mãe, não mate mais a galinha, ela pôs um ovo! Ela quer o nosso bem!

Todos correram de novo à cozinha e rodearam mudos a jovem parturiente. Esquentando seu filho, esta não era nem suave nem arisca, nem alegre nem triste, não era nada, era uma galinha. O que não sugeria nenhum sentimento especial. O pai, a mãe e a filha olhavam já algum tempo, sem propriamente um pensamento qualquer. Nunca ninguém acariciou uma cabeça de galinha. O pai afinal decidiu-se com certa brusquidão:

-Se você mandar matar esta galinha nunca mais comerei galinha na minha vida!

-Eu também! Jurou a menina com ardor.

A mãe, cansada, deu de ombros.

Inconsciente da vida que lhe fora entregue, a galinha passou a morar com a família. A menina, de volta do colégio, jogava a pasta longe sem interromper a corrida para a cozinha. O pai de vez em quando ainda se lembrava: “E dizer que a obriguei a correr naquele estado!” A galinha tornara-se a rainha da casa. Todos, menos ela, o sabiam. Continuou entre a cozinha e o terraço dos dundoa, usando suas duas capacidades: a de apatia e a do sobressalto.

Mas quando todos estavam quietos na casa e pareciam tê-la esquecido, enchia-se de uma pequena coragem, resquícius da grande fuga –e circulava pelo ladrilho, o corpo avançando atrás da cabeça, pausado como num campo, embora a pequena cabeça a traísse- Mexendo-se rápida e vibrátil, com o velho susto de sua espécie já mecanizado.

Uma vez ou outra, sempre mais raramente, lembrava de novo a galinha que se recortara contra o ar à beira do telhado, prestes a anunciar. Nesses momentos enchia os pulmões com o ar impuro da cozinha e, se fosse dado às fêmeas cantar, ela não cantaria mas ficaria muito mais contente. Embora nem nesses instantes a expressão de sua vazia cabeça se alterasse. Na fuga, no descanso, quando deu à luz ou bicando milho –era uma cabeça de galinha- , a mesma que fora desenhada no começo dos séculos.

Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos.

Compreensão de leitura:

- a) Reproduza o texto a partir da idéia principal, desenvolvendo-a.
- b) Há no conto de Clarice Lispector alguns trechos que estão na forma de discurso direto, cuja marca é o travessão. Encontre estes trechos e depois os reescreva usando a forma de discurso indireto.